

## O arquivo familiar de Francisco Mouro: Memórias da imigração e cadeias migratórias de um município galego a Rio de Janeiro

Érica SARMIENTO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/Programa de mestrado em História-  
Universidade Salgado de Oliveira

A história que se inicia pertence às memórias guardadas no arquivo familiar de Francisco Mouro, emigrante a Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX<sup>1</sup>. Nosso personagem central é natural do Concelho de Santa Comba, capital da comarca do Xallas, situada na Galiza Norte ocidental. Zona de intensa imigração e localizada na província de A Coruña, Santa Comba representa o município com maior contingente emigratório a Rio de Janeiro<sup>2</sup>. A família Mouro, desde o século XIX, resolveu adotar o Brasil como destino preferencial, mas, como tantas outras famílias galegas, também abraçaram outros destinos, deslocando-se para Portugal, Uruguai e Argentina.

A tradição emigratória de Santa Comba a Brasil remonta ao século XIX e os fatores explicativos para a escolha do destino estão diretamente vinculados aos deslocamentos às terras portuguesas. A partir da segunda metade do século XVIII, Portugal começa a atrair cada vez mais emigrantes, competindo com as cidades espanholas:

Sabermos que en Castilla, Andalucía o en el Norte de Portugal existía demanda de segadores e vendimiadores. Y a esa tarea se incorporaban los gallegos que se dirigían a zonas rurales en número que no se puede precisar. De los que iban a las ciudades (...) eran servidores domésticos y aguadores en Madrid, como aguadores también y como asalariados en los núcleos urbanos de Entredoiro y Minho(...) Finalmente en Andalucía se integran en el servicio doméstico o urbano, en las actividades portuarias, o

---

<sup>1</sup> A documentação foi cedida por Albina Mouro López, residente no lugar de Vilar (Santa Comba) e neta de Francisco Mouro.

<sup>2</sup> Para o estudo da história de Santa Comba no Rio de Janeiro ver E. Sarmiento (2006) .

bien ejercen como canteros, marineros y pescadores<sup>3</sup>.

No que diz respeito à emigração intrapeninsular do concelho de Santa Comba, Portugal está entre os destinos preferidos dos seus habitantes. Segundo Baudilio Barreiro Mallón, nos seus estudos realizados sobre a jurisdição de Xallas, os emigrantes vão diretamente à cidade do Porto como moços de serviço, porque é a única capaz de absorver um número elevado de empregos temporais e de ambulantes. Entre os anos de 1757 e 1784, a percentagem de 18% dos varões casados havia estado em Portugal:

Las preferencias a la hora de elegir destino se las lleva Portugal ampliamente sobre Castilla. En porcentajes correspondería el 86 % a Portugal y el 14 % a Castilla. A Portugal van como mozos de servicio en sus múltiples variantes: por eso Portugal equivale a decir Oporto, única ciudad que puede absorber un número elevado de empleos temporales y callejeros. Allí trabajan de aguadores, recaderos y mozos de mercado. A Castilla van, en cambio a trabajar en el campo, a las labores de siega y tal vez de esquileo y carboneo<sup>4</sup>.

A atividade complementar do município também possibilitou a emigração a Portugal. Apesar das famílias de Santa Comba subsistir basicamente da agricultura, com terras arrendadas ou trabalhando nas suas próprias fincas, havia uma atividade complementar que predominava na zona e contribuía para o aumento da economia doméstica: a *arriería*. Através dos transportes de mercadorias, principalmente de cereais (trigo, sal e vinho), de carvão e areia, os camponeses conseguiam o dinheiro necessário para pagar seus impostos e cobrir o déficit das colheitas. Levavam as mercadorias a várias cidades galegas, como Santiago ou Pontevedra e, muitas vezes, se deslocavam até as fronteiras de Castela e de Portugal, para venderem vinho ou outros produtos<sup>5</sup>.

Os destinos migratórios da família de Francisco Mouro Castro passaram por três países: Portugal, Brasil e Uruguai. Caminhos entrecruzados que fizeram parte das trajetórias de muitos vizinhos da região de Xallas. No século XIX, Segundo Costa Doval (sogro de Francisco Mouro Castro) estava com sua esposa Albina Vieites Pazos

---

<sup>3</sup> O. REY CASTELAO (1994), 106.

<sup>4</sup> B. BARREIRO MALLÓN (1978), 253-254.

<sup>5</sup> B. BARREIRO MALLÓN (1978), 440.

em Araraquara, município do interior de São Paulo<sup>6</sup>. Aí nasceu a filha do casal, Albina Costa Vieites, no seio de uma acomodada família de fazendeiros. No século XX, retornaram para a sua paróquia (Grixoa) e construíram a residência familiar, permanecendo definitivamente no seu lugar de origem. Nos documentos de Segundo Costa Doval, encontramos escrituras que demonstraram que o irmão desse emigrante, Francisco Costa Doval, também havia estado no Brasil. As dívidas entre os irmãos chegavam ao valor total de oito mil pesetas e deviam ser amortizadas com os bens adquiridos no Brasil.

El Segundo Costa se obliga de pagar a su hermano Francisco la cantidad de ocho mil pesetas, procedentes de cuentas liquidadas entre ambos, os sea, de todos los bienes que vendió al Segundo por las repetidas ocho mil pesetas (...) Si el Segundo no fue puntual en el pago, conciente que se dirija sanción ejecutiva contra todos sus bienes hasta percibir el Francisco las cantidades señaladas en los plazos convenidos<sup>7</sup>.

As relações familiares continuavam se mantendo, seja através de laços afetivos, seja através das terras e dos bens deixados na Galiza. Os negócios eram realizados entre os membros da família e vizinhos, com o intercâmbio de propriedades em ambos lados do oceano e segundo as necessidades econômicas e as perspectivas de retorno de cada indivíduo.

Os emigrantes galegos arribaron ás cidades de América coa mentalidade familista e de solidariedade veciñal, ben típica de quen procedía dun medio rural que preservaba formas colectivas de xestión e propiedade da terra, así como sistemas de apropiación diferencial do traballo, baseados nas contraprestacións entre as familias veciñas dunha mesma localidade, razón pólo que os escenarios locais (aldeas, freguesias e bisbarras) eran marcos inmediatos e básicos de interacción social<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Esse tipo de emigração às zonas do interior do Brasil, não era habitual em Santa Comba, nem na Galiza de uma forma geral. Não descartamos a possibilidade de emigração às zonas rurais ou municípios do interior do Brasil, mas os estudos sobre o tema referem-se quase que exclusivamente aos andaluzes em São Paulo, devido a maior presença dessa coletividade nas plantações de café. Não sabemos em que ano emigrou Segundo Costa Doval para Araraquara e nem quando retornou exatamente.

<sup>7</sup> Essa documentação não possuía nenhuma referência. Estava escrita à mão, firmada pelos irmãos Segundo e Francisco Costa Doval e por mais duas testemunhas, vizinhos do lugar de Vilar. É uma escritura de obrigação, do dia 18 de maio de 1910, com testemunhas presenciais, mas não consta o registro de nenhum notário ou qualquer outro órgão público.

<sup>8</sup> X.M. NÚÑEZ SEIXAS & R. SOUTELO (2005), 30.

Nos processos notariais de Santa Comba podemos observar casos de retorno de emigrantes que foram para o continente americano, deixando bens na Galiza ou acumulando propriedades ao longo dos seus anos de ausência. Don Antonio Pose Grille, que aparece com o tratamento diferenciado “Don” nas escrituras notariais, regressou à paróquia de Grixoa no ano de 1894 com uma verdadeira fortuna: 59 mil pesetas. Em seu testamento, distribuiu uma parte de seus bens entre os familiares, e a maior parte deles à sua esposa. Pose Grille faz questão de esclarecer que “*todos los bienes que há adquirido después del indicado matrimonio lo fueron con su próprio ó exclusivo capital(...) que su expresado caudal no há sufrido hasta la fecha el menor quebranto, antes bien, á su entender, acreció representando á su juicio la suma de cinquenta y nueve mil pesetas*”. Uma parte do seu dinheiro estava empregada em empréstimos a juros entre vários vizinhos de Santa Comba. Dessa forma, os emigrantes enriquecidos atuavam como bancos, utilizando o dinheiro ganho na emigração como um tipo de “serviço” à comunidade<sup>9</sup>.

O emigrante Segundo da Costa Doval comprou as propriedades do irmão no Brasil, mas sabemos, através das datas dos documentos e das entrevistas realizadas com a sua bisneta, Albina Mouro, que uma vez estabelecido na Galiza, Segundo da Costa não reemigrou. Sua intenção era voltar para a paróquia de Grixoa com a esposa e a filha nascida no Brasil. A confirmação da permanência do imigrante na Galiza foi encontrada em duas escrituras, uma do ano de 1903 e outra do ano de 1913. Na primeira, aparecem três possíveis parentes de Segundo Costa declarando que não tem nenhum direito sobre as obras realizadas na parte norte da casa principal, edificada “por cuenta de Segundo Costa en el valor de sietecientos cincuenta pesetas que adquirió en el imperio del Brasil”. Já no segundo documento, encontramos uma licença concedida pela prefeitura de Santa Comba autorizando a edificação de uma casa de nova planta no terreno de propriedade de Segundo Costa Doval, no lugar de Vilar, paróquia de Grixoa.

No contrato das obras, os canteiros e carpinteiros receberam 4 mil pesetas para construir a casa. Pela descrição dos materiais utilizados, a residência possuía vários

---

<sup>9</sup> Arquivo Histórico da Universidade de Santiago de Compostela (AHUSC). Protocolo de Instrumentos Públicos del año de 1894. Notário: Francisco Roura. Testamento de Antonio Pose Grille do dia 20 de novembro de 1894, p.715. A escrita está conforme o original.

compartimentos, já que “dicha casa leva quince luces por la parte exterior del edificio segun el plano que obra en poder de los otorgantes y por la parte interior también constan en el mismo plano (...) entendiéndose que las luces de la planta baja han de ser dobles y cintadas a con plancha de hierro”. Uma casa de pedra, com balcão, madeira de pino e um mestre de canteria e capintaria; um luxo que nem todos os camponeses podiam se permitir.

Segundo Costa emprestou dinheiro a parentes que estavam emigrados. A tia de Albina, Carmen Pazos Casanova, na década de 30, intercambiou várias cartas desde a cidade do Porto e recebeu dinheiro da sobrinha através de um intermediário chamado Antonio Gracia Camaño, que andava entre a cidade do Porto e Santa Comba. É provável que Carmen Pazos levasse bastante tempo vivendo Portugal, pois as cartas estavam redigidas em português. Entretanto, não podemos descartar o fato da missiva ter sido escrita por um dos seus filhos.

Porto, 22- 1935

Estimo que estejas bem, assim como a Bininha (**a filha da sobrinha**) e os meninos, que nós estamos na forma do costume. Sobrinha, saberás em como chegou a esta o Antonio Camanho e me entregou 20 duros e eu pedi-lhe o favor de me dar mais 10 e ele deu-mos.

(...)

Eu peço-te de todo coração para que venhas para o mês que vem para liquidarmos essas coisas porque tenho medo de morrer sem poder descansar com tigo (...) Se não vieres manda-me se poderes alguma coisa para fazer um fatinho ao Afonso (**filho de Carmen Pazos**), porque precisa muito dele e manda um bilhete para eu entregar ao seu Camanho isto, isto é, se resolveres mandar alguma coisa para ajuda (...) Quando escreveres põe a direção do Afonso para não abrirem a carta (...) lembranças (...) e muitas saudades desta tua tia e madrinha que deseja ver-te, de coração<sup>10</sup>.

Carmen Passos

Nas cartas, a tia sempre deixava entrever a sua precariedade econômica. Dirigia-se, então, à sobrinha, a quem sempre pedia alguma ajuda econômica. Entretanto o

---

<sup>10</sup> Carta de Carmen Pazos Casanova e Albina Vieites Pazos, no dia 22-?-1935, desde a cidade do Porto. O Número total de correspondências trocadas entre os familiares que estavam na cidade portuguesa do Porto e a família de Vilar (Santa Comba) resume-se a 7, todas do ano de 1934 e 1935. Toda a documentação exposta nesse item pertence ao Arquivo familiar de Albina Mouro López, Vilar, Santa Comba. O grifo é da autora.

intermediário entre as duas parentas, Antonio Camaño, advertia a Albina Vieites Pazos, sobre o comportamento da sua família em Portugal:

Porto, 10 Julio 1935

Sobre lo que hablamos de dar tanto y cuanto por las 2 fincas, pues que yo siento que fue Francisco esto no quiero que nade lo sepa ni que yo le escribo esta carta también le es cierto que tanto su tia como su hijo Francisco estan un poco diferentes que debido a esta cosas (...)<sup>11</sup>

Carmen Passos

A emigração para o Brasil continuou no começo do século XX, quando a filha do casal, Albina Costa Vieites casou-se com Francisco Mouro Castro, um vizinho da paróquia de Alón, que em um de seus retornos à Santa Comba, conheceu a sua prometida. Os sogros, ao ver aquele “brasileiro” bem vestido, imaginaram ser um emigrante enriquecido e, rapidamente, trataram de arrumar o casamento com a sua filha<sup>12</sup>. Eles não conheciam a trajetória daquele retornado, de nome Francisco Mouro, mas sim conheciam o Brasil e as possibilidades de ascensão que brindava o país.

No dia 27 de setembro de 1906, com apenas 17 anos de idade, Francisco Mouro Castro inicia a sua trajetória rumo à América, com parada inicial no Rio de Janeiro. Até o ano de 1919, entretanto, a vida desse emigrante esteve marcada pelas indas e vindas entre as cidades do Rio de Janeiro e Montevidéu. Na terceira página da sua agenda, Francisco anota a cronologia das suas viagens:

“Francisco Mouro Castro salio de España el dia 27 de septiembre de 1906. Llego al Rio de Janeiro el 16 de octubre de 1906. Embarco para Montevideo el 30 de julio de 1909. Llego a Montevideo el 4 de agosto del mismo año se establecio el 10 de agosto de 1912. Vendió el 22 de septiembre de 1913.

Embarque de Montevideo para Espana el 24 de marzo de 1914 y de España á Rio de Janeiro el 8 de septiembre de 1914, de Rio para Montevideo el 6 de abril de 1915, de Montevideo para el Rio el 13 de septiembre de 1915, de Rio para Espana el 11 de abril de 1919, de España á Rio el 30 de octubre de

---

<sup>11</sup> Carta de Antonio García Camaño (Porto-Portugal) a Albina Vieites Pazos (Vilar-Santa Comba), no dia 10 de julho de 1935.

<sup>12</sup> As informações fazem parte de várias entrevistas realizadas com Albina Mouro López, durante o ano de 2003, no lugar de Vilar (Santa Comba), quando cedeu o seu arquivo familiar para essa investigação. Segundo Albina: “mis bisabuelos cuando vieran a mi abuelo, de traje, bien vestido, pasando sus vacaciones en Santa Comba, pensaron que era rico, pero de aquella, aun no tenía mucho”.

1919<sup>13</sup>.

A agenda de Francisco Mouro contém valiosas informações, como as relações com seus compatriotas e os empréstimos realizados, com nomes e cifras, daqueles que lhe deviam dinheiro. Pelo menos até o ano de 1919, os empréstimos eram feitos tanto no Rio de Janeiro como em Montevideu, o que comprova as relações estabelecidas em ambos os países. Em 1910, concedeu empréstimos a três *paisanos* que estavam no Brasil e, no mesmo ano, a outro que vivia no Uruguai. De forma metódica, anotava todos seus gastos, as compras que fazia, as encomendas dos vizinhos, os lucros que arrecadava e a quantia dos empréstimos. As remessas que mandava a sua família começaram no ano de 1908, quando, através do Banco do Minho, enviou um cheque de quatrocentas pesetas no mês de janeiro e setecentas e cinquenta pesetas no mês de junho, destinadas a André Mouro Castro (seguramente o pai de Francisco). Os cheques que aparecem a partir da década de 20 foram dirigidos ao sogro, Segundo Costa Doval, em valores superior a mil pesetas. Desde o Rio de Janeiro mantinha a sua esposa e os filhos em Santa Comba.

Francisco Mouro Castro iniciou as suas atividades no Rio de Janeiro trabalhando como cobrador da Companhia de luz “Light”. Ao longo da sua vida preservou sempre os vínculos com o seu lugar de origem. Francisco Mouro levava encomendas, cartas e objetos, servindo de intermediário entre Santa Comba e Rio de Janeiro. Na sua agenda, aparecem diversas anotações com nomes de compatriotas e de vizinhos da sua aldeia. Os paisanos recorriam às mais diferentes necessidades: queriam enviar presentes para os familiares, precisavam de empréstimos para pagarem dívidas ou simplesmente desejavam informações daqueles que haviam permanecido na Galiza:

Juan Lema Souto: 1 par de zapatos para la chica y par de brincos para Andréa e 25 pesetas para su madre, um peso para Lino um para Lelo<sup>14</sup>

José Gerpe Rial Outeiro: 1 nabalha, 1 tigeria, 1 carta

Teresa Quintáns: um enbrulho para su hermana Estrella

---

<sup>13</sup> Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro. Todas as citações utilizadas ao longo deste artigo referentes à agenda de Francisco Mouro foram copiadas na íntegra, respeitando a grafia original.

<sup>14</sup> Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro

Jesús Ameijeira: 1 carta para su padre.

Através das anotações de Francisco Mouro Castro podemos observar o contato entre os paisanos do mesmo concelho e a atividade profissional exercida por muito deles. Em maio de 1957, Francisco deixa por escrito, na sua agenda, que José Otero Abelenda lhe passara uma procuração com o fim de que administrasse as suas propriedades no Rio de Janeiro, recebesse os aluguéis, movimentasse o dinheiro que estava ingressado no Banco Novo Mundo e, caso fosse preciso, vendesse a Hospedaria. As propriedades descritas eram, pelo menos quatro, que acreditamos fossem imóveis alugados, já que haviam contratos de arrendamentos. O Banco Novo Mundo pertencia a uma família de emigrantes galegos e o seu fundador se chamava Victor Fernández Galego, original do concelho de Tui (Pontevedra).

Na agenda do imigrante, aparecem os bens que possuía na Galiza e no Rio de Janeiro, além do nome e das medidas de todas as fincas de Santa Comba. Cuidadosamente, tomava nota de todos os gastos realizados com a compra de imóveis em algumas ruas cariocas:

Uma quarta parte na Hospedaria á Rua do Costa, nº 81 em dinheiro no The National City Bank of New York, 3:277\$800.

Em 15 de julio de 1930 um predio no Meyer á Rua Catumbi, nº 266.

Lucros da Rua do Costa ano de 1924: junho: 389 300; julho: 401 000; etc<sup>15</sup>.

Os seus irmãos, José e Antonio Mouro Castro, emigraram também para o Brasil. O primeiro para o estado do Pará e o segundo para o Rio de Janeiro, dois destinos que fizeram parte da história de Santa Comba<sup>16</sup>. José Mouro Castro não teve a mesma sorte dos seus irmãos que foram para o Rio de Janeiro. Faleceu no ano de 1907 (supostamente no Pará) e nada mais sabemos da sua vida. Já Antonio Mouro Castro,

---

<sup>15</sup> Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro.

<sup>16</sup> A emigração a Pará, que conhecemos até a segunda década do século XX, não foi tão representativa como a do Rio de Janeiro. Ver E. SARMIENTO (2006a).

trabalhou de cozinheiro no “Hotel Araújo”, na Central do Brasil, mas não continuou no Rio de Janeiro. Em 1952 estava na sua aldeia (Couto, paróquia de Alón), junto com a sua esposa e filhos. Nessa mesma época, enviou uma procuração a Francisco, dando-lhes amplos poderes para administrar o que havia deixado no Brasil. Quando faleceu em 1956, os sobrinhos reclamaram os bens que estavam no Rio de Janeiro. O responsável de enviar as notícias era o sobrinho José Mouro Trigo, secretário do Concelho.

Couto, 27-12-1957

Sr.D.Francisco Mouro Castro

Querido tio: en la última carta que recebi de usted me decia que en el plazo de dos meses pensaba tener liquidado lo de mi tio Antonio y no es que yo tenga prisa, pero es Maria quien me esta apurando con lo de la partija, pues quieren darle a cada uno lo que le pertenece por su padre, ya que unos se quejan de que los otros ya estan arreglando su vida, mientras ellos miran y esperan, teniendo razón, en cierto modo, por eso espero que ala mayor brevedad, procure resolver eso y mandarme el resultado, pues esta situación los trae un poco desorientados<sup>17</sup>.

José Mouro Trigo

Os giros que mandavam Francisco Mouro desde o Rio de Janeiro para os seus sobrinhos eram quantidades bastante significativas para a época: 200 mil pesetas. A família começava a pressioná-lo para que acelerasse os trâmites, já que havia uma situação de tensão entre os herdeiros, que queriam dividir rapidamente seus bens:

Couto, 21-02-58

Mi querido tio: tenemos mucha necesidad de que nos mande cuanto antes la liquidación del inventario, y Maria, quiere le gireis 200.000 pesetas pues según dicen cada vez se pondrá mas caro el cambio al adelantar el año, según el costumbre.

Por los vecinos Maria manda una botella de coñac para usted y yo um tarro de aceitunas; Juan

---

<sup>17</sup> Cartas do arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba). As correspondências referentes a Santa Comba e Rio de Janeiro está formada por um total de 13 cartas. Desse total, 3 delas são do sobrinho José Mouro Trigo (da parroquia de Alón) para o tio Francisco Mouro Castro, ausente no Rio de Janeiro, entre o ano de 1957 e 1958. As restantes são cartas entre Francisco Mouro Castro e sua esposa, Albina Costa Vieites e seus filhos Segundo e Manoel Mouro Costa, também no mesmo período. Todas as cartas reproduzidas neste artigo apresentam a grafia original.

una de anis para Manolo y yo una corbata.

Repito que es de toda necesidad última lo del inventario, porque el plazo del albarceargo de Mari y mio es solo de un año, y ya tuvimos que pedir otro al Juez de Primera Instancia, pudiendo ser que, pasado este, el Juez no conceda otro, y, como quiera que los cuñados no están nada de acuerdo, pudiera surgir un conflicto entre ellos (...).

José Mouro Trigo

Na década de 50, Francisco Mouro Castro chamou o filho, Manuel Mouro Costa para atuar nos negócios da família. Um dos imóveis era um hotel localizado no bairro de São Cristóvão. O filho manteve a tradição familiar e se casou com uma galega, também da paróquia de Grixoa. O pai, mesmo na distância, controlava a vida da família na Galiza, decidindo o destino dos filhos. Assim foi com o filho que emigrou, impedindo-o de casar-se com uma moça da sua aldeia. Numa correspondência do ano de 1957, o filho mais velho, Segundo Mouro Costa, que permaneceu na Galiza junto a sua mãe, confessa ao pai sua preocupação com o irmão mais novo:

Vilar 8/4/57

Sr. Don Francisco Mouro Castro

La intención de Manolo era casarse antes de marchar porque dice que la rapaza lê gusta u que preferia casarse y dejarla aqui em nuestra casa que el de mejor gana preferia vivir aqui en el pueblo y claro que para marchar soltero, son años que tiene que tirar sin esperanza ahora que el nos dijo esto, a mim y a mama, pero que le escribieramos a Vd. que el no hace nada sin orden de todos, a mi no me gusta contrariarle la idea y ella es buena chica y de buena familia, pero si su obligación es darle un consejo y Vd. verá la mejor forma que a lo mejor también al llegar a esa si le da bien el pais piensa en llamarla para esa, ella es la del zapatero de Travesas pero de esto no lo sabe nadie. Sin outro particular recuerdo de todos de casas y recuerdos de los niños y de mi recibe un abrazo de su hijo.

Segundo Mouro

O pai responde a carta e decide o futuro do filho:

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1957.

Sr. Segundo Mouro Costa y familia hoy recebi la tuya que estais bem yo por esta y demais conosidos bien gracias.

Pues hijo interado de la carta hoy mismo os contesto para que en familia convinés de la megor manera pues el dia 8 le escrevi a Manolo en este mismo sentido y con respecto á casarse y dejar la muger en nuestra casa eso yá de ninguna manera que ya fuimos vastante felices el caberen 2 mugeres en casa guntas que es raro y abiendo de benir debe aserlo soltero y que no precisa vir con miedo que viene para junto de mi y nada le faltará que tenia como saben 1 cuarto en la Hospedaria anda megor que antes compre como ya os dige una 16 en un Hotel va muy bien, tengo señalado outra 16 e otro Hotel que abrir nosela parte que conseguiré estoy trabagando la partida y el casarse en este momento seria atrazar nuestra vida y suisidarse el que lo haga mas tarde com conosimiento de causa y con quien el quiera pero desde que el se pueda dar una idea de la vida e como es el mundo yo no quiero culpas mas tarde pero si tengo el deber de dar un consego que aun que os parasa mentira estoy mas al tanto de la vida que ustedes todos guntos asi que se é para benir tambien no hay falta de estar perdiendo mas tiempo em Santiago(...).

Francisco Mouro Castro

Para Francisco Mouro, casar seria comprometer o futuro da família, pois ele dependia de um herdeiro para administrar seus bens no Brasil. Os emigrantes, de forma geral, sabiam, através da sua experiência, das dificuldades de vivenda, de trabalho e para juntar dinheiro impediam os emigrantes de formar uma família. Para sair da Galiza, era melhor ir solteiro e jovem, sem “obstáculos” que prejudicassem os duros inícios da emigração. Foi assim que Francisco Mouro, numa das cartas que escreveu a sua família desde Rio de Janeiro, incentivou o filho mais novo, Manolo, a não se casar com a moça que amava, porque era demasiado jovem e que, se queria emigrar, devia fazê-lo solteiro:

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1957

Pues hijo interado de la carta hoy mismo os contesto para que em família convinés de la megor manera pues el dia 8 le escrevi a Manolo en este mismo sentido y com respecto a casarse y dejar la muger en nuestra casa guntas que ya fuimos bastante felices el caberme 2 mugeres en casa guntas y abiendo de benir debe aserlo soltero y que no precisa vir com miedo que viene para junto de mi y nada le faltará(...) e al casarse neste momento seria atrazar nuestra vida y suicidarse el que lo aga mas tarde con conocimiento de causa y con quien quiera pero desde que el pueda dar una idea de la vida e como es el mundo yo no quiero culpas mas tarde pero si tengo

el deber de dar un consejo que aun que os paresa mentira estoy mas al tanto de la vida que ustedes todos guntos asi que se é para benir tambien no hay mas falta estar perdiendo tempo(...)<sup>18</sup>

Francisco Mouro

Na carta, o patriarca da família afirma a sua posição: ainda que estivesse do outro lado do oceano, era ela que dava as ordens. Em Vilar dos Céltigos, na aldeia, estava a esposa e os dois filhos de Francisco Mouro. Ele, desde Rio de Janeiro, continuava controlando o destino dos membros da família e uma das suas preocupações era que o seu filho mais novo se casasse antes do tempo. O trecho carta, acima, reflete bem o problema da divisão das famílias galegas, das expectativas dos jovens que se viam frustradas pela tradição migratória e pela obrigatoriedade de seguir os mesmos caminhos traçados pelos pais.

A situação das mulheres que ficavam nas aldeias faz parte da problemática do fenômeno emigratório galego. Albina Costa Vieites esteve, durante toda a sua vida, longe do marido; se viam por temporadas, quando ele visitava Santa Comba. O comportamento da esposa era controlado por toda a vizinhança e as notícias chegavam distorcidas no além-mar. Na única correspondência que encontramos de Albina para Francisco Mouro, ela conta os seus problemas pessoais, recriminando as acusações do marido, que desconfia da sua conduta:

Vilar 23 de abril de 1957

Sr. Francisco Mouro Castro em Rio

Y se Manolo vió la carta ni supo cuando te la mande que me salten los ojos de cara pero las cosas son como se toman pues me dices que no sabes si los hijos seran tuyos pues pones una mano en el corazon y meditas a tu conciencia que son cosas algo pesadas pero Dios nos perdone todo dices que soy de la casta de los derrochadores que nunca te ace um centimo es verdad que te gaste mucho dinero desgraciada mente con la salud pero com otros vicios no gracias a Dios pero acuerdate que tienes un poder mio y con el puedes recuperar todo lo que te gaste en el tiempo que sea que no pienso sacartelo en la vida(...).

Sin más tedeseo muchas felicidades.

---

<sup>18</sup> Arquivo familiar de Albina Mouro (Vilar- Santa Comba)

Albina Costa Vieites

A autoridade de Francisco Mouro não era contestada. Tudo girava em torno das suas decisões e a introdução das cartas demonstra um tratamento bastante formal, mantendo a distância, tanto por parte dos filhos como da esposa. Como muitas esposas de emigrantes, Albina Costa Vieites “perdeu” o marido e o filho mais novo, impotente mediante as possibilidades da emigração e as decisões do chefe-de-família. Quando o marido regressou definitivamente em 1959, o filho mais novo passou a administrar os negócios no Rio de Janeiro.

No dia 14 de maio de 1957, Segundo Costa Mouro escreve a seu pai, explicando todos os detalhes da viagem do irmão:

Vilar, 14/5/1957

Querido padre: despues de saludarte deseo se encuentre bien, nosotros por el momento sin novedad.

Pues padre no le escribi antes porque cuando llegó la carta, ya Manolo iba em Santiago y le lleve la carta para él leer y entonces resolvió ir soltero, a si que estaba en Santiago hasta el dia 10 de junio que es el Espiritu Santo y despues ya no vuelve, hablé con **Raso**<sup>19</sup> y de ahí no necesita nada, ahora la pasaje cuesta 8.600 pts; y estos dias va hacer outro traje ropas blancas y comprar zapatos y si no hay outra embarcaria para esa el dia 2 de julio para allá(...)el y a Ché lo Manchego de Cícere iran juntos para esa, ahora digan lo que debe llevar Manolo para comprar a tiempo.

Segundo Mouro

Os emigrantes e as suas famílias estavam comunicados não só pelas cartas, mas também através dos retornados e dos vizinhos já assentados no Rio de Janeiro. Cada vez que viajava alguém para o Rio de Janeiro, levavam malas repletas de objetos e cartas que diminuía a distância entre os dois países. As notícias corriam mais rápidas que o

---

<sup>19</sup> O sr. Raso, chamado José Suárez Suárez, era o dono da agência de viagens “Raso”, conhecida intermediária desde a década de 30 entre emigrantes de Santa Comba e Rio de Janeiro. O grifo é da autora.

próprio correio. A constante troca de correspondência e contatos entre os vizinhos demonstram a continuação de redes de solidariedade não interrompidas pela distância geográfica; relatos de vida que contribuem com a perspectiva dos próprios protagonistas. Cada indivíduo tem um projeto de vida, mas esses projetos não estão desvinculados da sociedade receptora, ao contrário, as experiências se interatuam quando entram em contato com novas formas de pensar e agir e quando sofrem a influência do entorno e dos outros emigrantes

Tudo que se passava do outro lado do oceano era conhecido por toda a vizinhança:

Vilar 3/6/57

Sr.Dn.Francisco Mouro Castro

Brasil

Querido padre despues de saludarte deseo sin novedad, le mando esta carta para que inmediatamente me mande unas letras deciendome como fue el atropello y cuente me la verdad clara, que ya esta avisado Rial que me las entregue a mi en mano y mande outra carta para casa porque aqui el comentario ya es grande y temo a que mama lo sepa por el mundo, le pido no me ponga una cosa por outra que yo yá no llevo mayor choque, y no se fije a que tenga que gastar lo que sea, que a lo mejor en la Orden no lo tratan como pagando particular, constestame em seguida.

Recibe um fuerte abrazo de su hijo,

Segundo Mouro

A notícia do atropelo do pai chegou ao conhecimento de Segundo Mouro. O correio, nesse caso, foi um *paisano*, chamado Rial, que se encarregava de levar a carta e de trazer notícias de Francisco Mouro desde o Rio de Janeiro. Um constante vai-e-vem de informações, que ia passando de boca em boca através dos retornos dos emigrantes a suas aldeias.

Na história da emigração galega, as entrevistas e os arquivos familiares, como as cartas, os documentos pessoais e as fotos, possibilitam a reconstrução de espaços de interação social e a valorização das experiências individuais. Segundo Vázquez, “la

correspondência y las noticias de los retornados fueron los medios de información que vertebraron las cadenas de emigrantes<sup>20</sup>”.

A “Ordem” a que se refere Segundo Mouro na carta, supostamente seria a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, onde Francisco Mouro Castro estava irmanado desde o ano de 1916. Muitos emigrantes, aqueles que tinham um certo poderio econômico, se inscreviam nas irmandades católicas brasileiras, como uma forma de garantir serviços religiosos e também porque funcionavam como uma projeção social. Era uma maneira de se envolver com as camadas mais prestigiosas da sociedade carioca, dar-se a conhecer e fazer novos contatos.

Quando um emigrante viajava ao Rio de Janeiro, os vizinhos aproveitavam para mandar todo tipo de objetos e notícias para os seus familiares. Na partida de Manoel Mouro Costa, em 1957, o filho que permaneceu na Galiza, Segundo Mouro, escreve uma carta ao pai, avisando do conteúdo da bagagem:

Vigo, 2/6/1957

Pues padre esta es para decirle que hoy a las siete de la tarde embarco Manolo y CHE do Manchego, lleva el baúl que Vd. decia (...) Manolo lleva vários encargos ya todos llevan el nombre y quien son para Vd. vá 1 lta. Carbonell de 10 lts. Aceite, 4 bttlas de Veterano (...) 10 latitas de pulpo a la primavera (...) ó sea que todas las cosas que van sin nombre son suyas, que las encargas van bien aclaradas con nombre.

(...) hace dos dias que le entregue a los de Mallon las 1,000 pts, también va en el baúl una bolsa con garbanzos y un poco de unto para el Souto ese no lleva nombre creo pero tiene la bolsa por fuera el nombre de Primitiva (...) y de las encargas café, sacos, puros, enfin todo lo que Vd. decia que recibimos todo integro (...).

Segundo Mouro Costa

Os negócios da família Mouro prosperavam. Quando chegou o filho da Galiza, Francisco comprou a parte de uma sociedade em um hotel localizado no bairro de São Cristóvão. Assim, seguia-se uma tradição de inserção socioprofissional no setor da hotelaria, ramo preferido pelos emigrantes de Santa Comba.

---

<sup>20</sup> A. VÁZQUEZ, (1999), 851.

Vilar 4/9/57

Pues padre esta es para contestar a su carta que recibimos hace unos días en la que nos dice que le compro una parte a Manolo pues hablando con Alfonso de Landeira S. Cristobo el que esta Alon yá me digo que costara 2 millones y pico y ½ a la vista, pero que era buen negocio(...).

Segundo Mouro

Antes de comprar o Hotel São Cristóvão , Manuel Mouro Costa havia trabalhado em outras hospedarias:

Quando cheguei estava fazendo negócio com um hotel na Rua do Lavradio, 68, hoje Hotel Casablanca, naquele tempo Hotel Lavradio. Eram de rapazes conhecidos e meu pai comprou uns pontos para mim e eu fui trabalhar ali seis meses, desde 31 de agosto de 1957 até os primeiros dias de abril de 1958. Saí dali porque meu pai construiu o Hotel São Cristóvão. No Lavradio eu tinha 6 pontos e no São Cristóvão eu tinha 25<sup>21</sup>.

Quando o pai retornou no ano de 1959 para Santa Comba, Manoel Mouro ficou no Rio de Janeiro, cuidando dos negócios. Casou-se com uma vizinha de Santa Comba, Maria Josefina García, que segundo nos contou: “a mãe dela era minha vizinha. Tropecei com ela...”. Tropeçar no Rio de Janeiro não era tão fácil, era muita coincidência. Mas se pode explicar facilmente através das cadeias migratórias, da reprodução de espaços de socialização e da interação social importada do lugar de origem. As próprias famílias as encaminhavam para locais onde pudessem encontrar rapazes da mesma origem.

O nosso relacionamento no começo era mais com os conhecidos, porque com o pessoal daqui não tínhamos intimidade, agente procurava clubs espanhóis, pessoas espanholas que tinham muitas na época, muitos conhecidos. Hoje, a gente se dá com qualquer um porque já levamos muitos anos e se conhece todo mundo<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Entrevista realizada a Manuel Mouro Costa no dia 12 de novembro de 2003 no Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2003 no Rio de Janeiro a María Josefina García Pazos.

O parentesco e as relações de vizinhanças eram mais extensos do que pareciam. O padrasto de Maria Josefina foi sócio do seu marido em uma das hospedagens e a sua mãe também era da paróquia de Vilar. No ano de 1963, se casaram e continuaram no Rio de Janeiro, vivendo no bairro do Flamengo, na zona sul carioca.

Os tempos mudaram, a sociedade galega mudou e muitos emigrantes da segunda emigração massiva, principalmente aqueles que atingiram um bom padrão de vida na sociedade carioca, não pensam em deixar seu filhos e netos para recomeçarem uma nova vida na velhice. As mudanças econômicas de ambos os países nas últimas décadas trocaram os papéis dos emigrantes da primeira e da segunda emigração. Os que partiram no começo do século XX destacavam-se nas suas aldeias, pelas diferenças de costume, pelas histórias que contavam de uma sociedade mais desenvolvida e dos salários mais altos que ganhavam; os que foram depois de 1950, já acompanharam um detrimento da economia brasileira frente a um desenvolvimento da sociedade europeia e galega. Era mais vantajoso emigrar a países europeus, geograficamente mais próximos e que ofereciam contratos de trabalho com salários compensados com uma moeda mais forte.

Segundo Núñez Seixas e Raul Soutelo, não é a saudade, mas sim o fato de ter um lugar de retiro onde valha a pena investir os conhecimentos e recursos adquiridos o que estimula uma parte dos emigrantes a retornar<sup>23</sup>. Assim ocorreu com Francisco Mouro Castro, que já na velhice, na década de 50, retornou à aldeia de Vilar, depois de passar toda a sua vida no Rio de Janeiro. Resolveu se reunir com a esposa quando já estava acomodado, encarregando o filho de cuidar das propriedades. Pouco tempo depois, faleceu. Voltou a Santa Comba para descansar e passar seus últimos dias. Durante a sua estada no Brasil, deixou registrados na sua agenda, todos os contatos pessoais e profissionais que realizou ao longo da sua experiência migratória.

O arquivo familiar de Francisco Mouro Castro demonstra mais uma vez a importância da informação, das cadeias familiares e o contato que se mantinha entre os retornados e/ou entre os emigrantes com aqueles que permaneciam nas aldeias.

O que se adota denominar o retorno do sucesso e da narración á historiografía académica traducíuse, dende a derradeira década do XX, nunha progresiva revalorización dos documentos pessoais

---

<sup>23</sup> X.M. NÚÑEZ SEIXAS y R. SOUTELO (2005)

de natureza oral e escrita, como são os diários, autobiografias, epistolários e fotografias familiares<sup>24</sup>.

A concentração migratória de determinadas zonas a um destino comum revela uma corrente que, através das cartas familiares e dos fluxos de informação, vai penetrando no interior galego, difundindo as vantagens da emigração. A ligação com a aldeia de origem não foi abandonada e os emigrantes recebiam notícias dos comportamentos, das transgressões sociais, das novidades das paróquias, das vendas de terras, etc. No caso de Santa Comba, contamos com uma emigração antiga, da segunda metade do século XIX, fortalecida pelo grande contingente numérico e pela inserção sócio-profissional dos seus vizinhos nos setores em expansão no Rio de Janeiro, como o da hotelaria.

## BIBLIOGRAFIA

BARREIRO MALLÓN, Barreiro. (1978) *La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII. Población, Sociedad y economía*, Santiago de Compostela, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela.

O. REY CASTELAO (1992), "Movimientos migratorios em Galicia, siglos XVI-XIX, em EIRAS ROEL y REY CASTELAO, Ofelia (eds.), *Migraciones internas y médium-distance en la Península Ibérica, 1500-1900*, Santiago, Xunta de Galicia, 1994, pp. 85-130.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel y SOUTELO, Raul (2005), *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*, Vigo, Galaxia.

PRECEDO LEDO, Andrés (1998), *Comarcas de Galicia*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.

SARMIENTO, Érica (2006), *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*, Santa Comba, 3C3 editora.

\_\_\_\_\_ (2006a), *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Santiago de Compostela, editora da Universidade de Santiago de Compostela (publicação eletrônica).

A. VÁZQUEZ, Alejandro González (1999), *La emigración gallega a América, 1830-*

---

<sup>24</sup> X.M. NÚÑEZ SEIXAS y R. SOUTELO (2005), 28.



*1930*, Tese de doutorado, Universidade de Santiago de Compostela, 2 vol.